

Março de 2009

O MULTILETRAMENTO MIDIÁTICO: NOVAS FRONTEIRAS E NOVAS POSSIBILIDADES

Keity Cassiana Seco¹

RESUMO

O objetivo primordial deste ensaio é refletir sobre o multiletramento e ampliar a discussão sobre as novas responsabilidades e habilidades que esta nova perspectiva didática requer do professor de Língua Portuguesa bem como dos autores de Livros Didáticos desta área. Tais questões abordam as especificidades teóricas e pedagógicas que o professor de linguagem precisa adquirir, para trabalhar com a leitura e a produção discursiva destes gêneros textuais, constituídos por duas ou mais linguagens como a canção, a novela, a Hq, a propaganda, o blog etc. Estes são textos sincréticos veiculados pelos aparelhos eletrônicos (TV, rádio, computadores etc.), que permitem as interações sociais num mundo cada vez mais global e virtual. Ao final, são apontados alguns desafios e avanços, em relação ao ensino-aprendizado dos gêneros midiáticos musicais, como também as dificuldades metodológicas que ainda permeiam os materiais pedagógicos que contemplam estes gêneros.

Palavras-chave

Multiletramento; canção; Língua Portuguesa; Livros Didáticos.

ABSTRACT

This paper aims to promote a reflection about the multiletramento and to increase the discussion about new responsibilities and abilities required of Portuguese teacher, teacher education and Portuguese textbooks. These questions involve theory and pedagogic peculiarities that language teacher will need to work with mediatic genres. These texts are mix composed by two or more languages like song, short story, comic book, advertising, blog etc., issued by electronic instruments (TV, radio, computer etc.). They permit social statements in global and virtual world. In the end, we present some advances and challenges concerning to multiletramento in public school.

Keywords

Multiletramento; song; Portuguese Language; textbooks.

¹ Keity Cassiana Seco é Doutoranda em Estudos da Linguagem pela UEL. Atualmente trabalha como docente na SEED (Secretaria de Educação do Estado do Paraná). keytiss@yahoo.com.br

Março de 2009

INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo se vê inserido em um mundo cada vez mais inter-pluri-multi e transcultural. Esta é uma sociedade sem fronteiras ou divisões culturais, que vem se constituindo por meio de um agrupamento de suportes interativos, denominado *mídia*. Este nome é dado aos veículos de comunicação, que atingem ou interligam um grande contingente de pessoas, como por exemplo, a tv, o rádio, o cinema, o jornal impresso, a revista, o outdoor, o celular e, mais recentemente, a internet. Lugares onde a tinta, o papel e a linguagem verbal não dão conta, sozinhos, de veicular os vários sentidos produzidos ininterruptamente pela comunidade global, ou seja, “numa época em que a supremacia do texto, sobretudo escrito, desmorona face à penetração progressiva e inexorável dos meios de comunicação” (LÍMOLI; GIACHINI NETO, 2001, p.151).

Desse modo, nossas vidas reais estão transformando-se, gradativamente, em vidas também virtuais e digitais, pois sabemos que os novos gêneros mediadores são construtos onipresentes veiculados pelos mais modernos equipamentos eletrônicos. Tais gêneros e tecnologias multi-interativas estão se incorporando rapidamente ao nosso cotidiano, e precisam ser investigados com maior frequência por teóricos da área de linguagem.

Esse novo contexto sociocultural é chamado por Ortiz de “mundialização”, expressão que designa uma desterritorização da cultura, ele exemplifica tal fenômeno dizendo que:

Um aeroporto, uma grande estação ferroviária, ou uma cidade são análogos a um texto semiológico, recortado por indicações e painéis, comunicando ao usuário um conjunto de informações que lhes permite enveredar pelo labirinto dos signos. Espaço impessoal [...] onde o indivíduo é alguém capaz de decodificar a inteligibilidade funcional da malha que o envolve (1998, p.106).

Nesse espaço mundial é essencial dominar, como já salientado, vários tipos de linguagens como a imagem estática e/ou em movimento e o som ruído e/ou musical etc., os quais são utilizados de forma sincrética e simultânea pelos meios de comunicação em massa. Assim, talvez num futuro bem próximo, somente os multiletrados se relacionem e, tenham voz e vez neste universo; obtendo, portanto, sua inclusão cultural, social, profissional e econômica.

Por essas razões, pretende-se neste estudo, refletir e colocar em discussão as metodologias de ensino-aprendizado relativas tanto à leitura quanto à produção crítica e criativa dos sentidos dos textos midiáticos (novelas, musicais, filmes, clipes, hqs, canções, blogs, propagandas etc). Tais textos são formados por vários planos de expressão, que se engendram para projetar um tema de modo muito intenso, dinâmico, atraente e, portanto, convincente.

Março de 2009

Serão observados, na primeira parte deste trabalho, alguns “entraves” existentes nos métodos pedagógicos vigentes, ou seja, mostrar-se-á a dicotomia entre a prática comunicativa atual e uma prática educacional ainda superficial e neutra, pautada primordialmente nos Livros Didáticos (constituídos basicamente pelos códigos verbais impressos).

Posteriormente, apresentar-se-ão algumas novas tendências didáticas em andamento, que mesmo sendo tentativas, ainda muito limitadas, poderão contribuir para ampliar o foco e o tratamento dado atualmente ao ensino das diversos gêneros já citados. Dentre os diversos assuntos tratados estão: os elementos que constituem os textos midiáticos; os modernos canais mediadores, que servem como suporte desses gêneros; o papel do formador de professor; as novas funções; identidades assumidas pelo professor de língua em sala de aula. Sobre estas afirmações importa lembrar que, “a partir da década de 1960, os estudos culturais britânicos começaram a mostrar como a cultura da mídia estava produzindo identidades e maneiras de ver e agir” (KELLNER, 2001, p. 54).

Busca-se também, suscitar mais pesquisas científicas com este foco, posto que, os gêneros midiáticos circulam na maioria das comunidades do planeta. Ressalta-se que, o próprio uso cotidiano em massa destes gêneros é que demanda a realização urgente de investigações no âmbito do multiletramento. Segundo Rojo:

‘multiletramento’, aqui, significa que compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal oral e escrito, mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagens – oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos etc. – para delas tirar sentido”(2004, p. 31).

Isto requer também avanços em direção a uma pedagogia eficiente de leitura e produção de textos culturalmente mundializados, tanto na formação de professores como nos ciclos mais elementares da educação.

A educação verbal impressa nos Livros Didáticos diante de uma sociedade pautada em gêneros midiáticos como a canção

A problemática apresentada no título deste tópico será exemplificada por meio de um estudo quantitativo e qualitativo realizado em cinco coleções de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, os quais foram indicados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) em julho de 2007.

Março de 2009

Nesse período, realizou-se uma pesquisa sobre o ensino-aprendizagem do gênero canção (abrangendo todas as suas modalidades como MPB, Rap, Rock etc.), destacando o *Jingle* publicitário. Alguns dos objetivos primordiais foram: 1) investigar quantas canções os LDs traziam; 2) averiguar quais eram os gêneros musicais predominantes e levantar as possíveis causas das predileções e preterimentos; 3) analisar se as atividades de leitura e produção das canções estavam condizendo com as teorias interacionistas (Análise do Discurso, Teoria dos Gêneros, Semântica etc.) postuladas pelos autores dos LDs e pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Este último tópico demonstrou se este gênero (canção) é estudado de acordo com seus temas, sua estrutura composicional e seu estilo. Buscou-se verificar, principalmente, se as atividades apresentadas pelos LDs traziam as noções teóricas e metodológicas voltadas às propriedades e elementos da linguagem sincrética, levando em consideração as características estilísticas e semânticas próprias dos dois planos de expressão (verbal e musical). Sobre este assunto, Barros comenta que:

As diferentes possibilidades de manifestação textual dificultam, sem dúvida, o trabalho de qualquer estudioso do texto, e as teorias tendem a se especializar em 'teorias do texto', 'semiologia da imagem' e assim por diante. Com isso, perdem-se, muitas vezes, as características comuns aos textos, que independem das expressões diferentes que os manifestam, e ficam impossibilitadas as comparações entre os textos diversos (2003, p.8).

As constatações foram as seguintes: o gênero musical predominante é a MPB (Música Popular Brasileira). Em uma porcentagem bem menor aparecem as cantigas de roda e as músicas folclóricas regionais.

Em direção oposta, não se detectou nenhum gênero musical clássico, nem de caráter religioso ou internacional (só foi encontrada uma tradução, em português, da canção *Imagine*).

Em se tratando dos textos musicais publicitários, nota-se a total exclusão dos *Jingles publicitários* e/ou *políticos* no interior desses LDs. Há somente, na coleção *Português Linguagens* (7ª série), uma atividade que propõe a produção e a apresentação oral de propagandas contendo um fundo musical (*Spot*) para o texto falado. Ressalta-se que o *Spot* e os recursos de sonoplastia não são *Jingles* (canção sincrética verbo-melódica, criada exclusivamente para caracterizar e vender/eleger um produto/candidato político).

Além disso, nas definições e nas explicações sobre os componentes que constituem as propagandas, raramente os LDs consideram os efeitos sonoros, pois usualmente, enfatiza-se a leitura e a produção somente dos enunciados linguísticos e os imagéticos.

Março de 2009

Questiona-se, aqui, essencialmente, o porquê da ausência, nos LDs, do texto midiático/publicitário *Jingle*, tão presentes em nosso cotidiano e formado pela junção do plano de expressão verbal com o sonoro-musical (melodia, ritmo e harmonia)?

Em se tratando do ensino-aprendizado dos demais gêneros musicais, formados a partir dos códigos linguísticos e melódicos amalgamados, foram constatados alguns avanços no interior dos LDs, em relação ao modo de se conduzir os trabalhos com a canção.

A análise revelou que: houve um aumento considerável do número de músicas incluídas nos LDs de todos os níveis; as músicas são de um “bom” nível artístico, no sentido poético, harmônico, melódico, rítmico etc.; são apresentadas músicas brasileiras de várias épocas e não somente as atuais, abrangendo praticamente todas as décadas do século passado e do presente século; algumas coleções trazem partituras, como uma forma de trabalhar a música impressa; fazem a conexão intertextual entre os diferentes gêneros textuais, mostrando que um mesmo tema pode estar imanente em inúmeros gêneros (crônica, música, filme, conto, editorial, dança, HQ, escultura etc). Alguns dos LDs dedicam uma unidade inteira ao estudo do gênero musical; valorizam a música brasileira; proporcionam dicas interessantes quanto ao incentivo à pesquisa e à apreciação da arte musical, apontando algumas outras obras musicais que podem ser ouvidas em Cds/vinil, documentários sobre música, musicais, shows, recitais, concertos, festivais etc., ligados ao tema desenvolvido pela unidade; apresentam outros gêneros de textos (entrevista, biografia, autobiografia) que estimulam a leitura sobre os compositores e intérpretes da música brasileira; contém textos informativos sobre a musicoterapia e sobre os períodos da história da música nacional, contextualizando a produção das músicas trabalhadas; enfocam de modo lúdico as variações linguísticas, utilizando a música como parâmetro das diferenças culturais e linguajeras, comparando, com isso, os diversos tipos de interlocutores e produtores desses gêneros; oferecem ideias de projetos musicais como a gravação de Cds, visitas a estações de rádio, estúdios, realização de serenatas, produção de programas com músicas, produção de videoclipes etc.; ensinam sobre as características dos instrumentos musicais.

As atividades são altamente motivadoras e, possivelmente, despertam a vontade dos professores e alunos, para se estudar o texto canção no contexto escolar.

Todavia, há outros pontos, não tão positivos que carecem ser diagnosticados, para fomentar a reflexão sobre as didáticas referentes ao ensino-aprendizado do gênero musical nas aulas de Língua Portuguesa.

Percebe-se que os LDs, de maneira geral, cometem os seguintes equívocos, no trato com o gênero em questão: mantém a dicotomia letra e música, não se reportam à obra musical como um texto híbrido; apresentam inúmeras vezes somente os excertos das músicas, o que dificulta a

Março de 2009

compreensão global do texto; não denominam todas as músicas; não trazem CDs acoplados, contendo as músicas em áudio; divulgam a letra do Hino Nacional, porém não fornecem atividades relativas ao seu estudo efetivo (gênero textual), como por exemplo, uma leitura crítica e discursiva deste, a dicção, a entonação, o seu contexto histórico, as leis referentes à sua execução. Enfim, a maioria das atividades dos LDs não instrui os alunos com as ferramentas necessárias para que estes produzam sentidos na leitura e não fornecem a eles um mínimo de instrumentalização teórico-musical para que possam ao menos tentar produzir tais textos.

Nota-se que ainda há uma grande dificuldade entre as instituições educacionais, os educadores de todos os níveis, os autores de LDs etc., em criarem métodos realmente eficazes quanto ao ensino-aprendizagem da linguagem musical/midiática na escola.

A grande parte dos exercícios dos LDs continua usando a letra de música como pretexto para ensinar gramática, fonética, teoria literária, estilo literário, introdução para outros assuntos etc. As propostas de ensino nos LDs analisados não chegam a um nível discursivo e ideológico, mantendo a leitura da música em um patamar muito superficial e um tanto silencioso.

Por tudo isso, postulamos que os textos midiáticos, como a canção, merecem um estudo cuidadoso, respeitando seus elementos e categorias inerentes. Lembra-se a questão levantada por Márcio Coelho, durante o estudo verbal e melódico de uma canção famosa “será que a letra dessa canção, caso fosse publicada como poema em um livro, alcançaria o sucesso editorial?”. (COELHO, 2006, p.28).

Alguns apontamentos teórico-metodológicos rumo ao multiletramento midiático

Apesar de todas as preocupações e “crises” que norteiam todas as esferas educacionais e, principalmente o campo das linguagens, já que se vivencia uma época de infinitas e contínuas transformações, que vão desde as infra-estruturas econômicas e políticas (globalização) até as estruturas sócio-culturais como a arte, a religião, o direito, a educação entre outras (mundialização). Acredita-se ser este um momento promissor para a criação e o desenvolvimento de novas técnicas e materiais pedagógicos, que permitam suprir a atual carência metodológica dos gêneros e suportes midiáticos.

Nesse sentido, entende-se que estas superações devam começar a ocorrer, primordial e urgentemente, durante a formação de professores e em cursos de extensão para professores em formação continuada, para propagar posteriormente a todas as demais estâncias educacionais.

Março de 2009

Sugere-se, então, que o espaço dado aos gêneros verbais (livros, apostilas, aulas projetos etc.), bem como aos elementos que os constituem e os caracterizam, seja ampliado a outros gêneros textuais midiáticos, compostos por outras formas de expressão.

Um bom exemplo de que isto é possível (a inclusão de textos midiáticos na formação de professores) são os trabalhos desenvolvidos com as imagens, no campo dos estudos de linguagens (graduação e pós-graduação), já que há muitas pesquisas envolvendo propagandas, textos verbais acompanhados por fotografias, filmes, telenovelas, pinturas, HQs, charges, etc.

Além desse espaço, as imagens visuais estão muito presentes na esfera da educação básica, posto que aparece um vasto número desses gêneros nos LDs. Importa destacar a preocupação dos autores em criar atividades didáticas que focalizem os aspectos pertencentes a esta como cor, foco, plano, luz, estilos etc.

Além de todas as preocupações científicas e didáticas verifica-se ainda, a inclusão das imagens (pelo menos em relação a outros gêneros midiáticos) nas provas governamentais como ENEM, vestibulares de instituições públicas, SAEB, as quais cobram a leitura dos textos imagéticos sozinhos e/ou intertextualizados com os textos verbais.

Outra sugestão seria a de fomentar novos projetos de pesquisas no campo midiático e aperfeiçoar e divulgar os já existentes nos programas de graduação e pós-graduação. Pensar sempre nesses movimentos como interdisciplinares, que só se realizam a partir do envolvimento das várias áreas da linguagem e das ciências humanas (música, artes visuais, *desing*, teatro, informática, cinema, telecomunicação, *marketing*, educação, filosofia, antropologia, história, sociologia, psicologia, moda, informática etc.). Interligar, assim, outros ramos do saber significa criar e desenvolver teorias e metodologias voltadas para uma educomunicação multifacetada.

Juntamente com a propagação destes estudos precisaria haver uma ampliação dos espaços e recursos pedagógicos bem como uma maior utilização prática e didática dos novos gêneros e veiculadores midiáticos por parte dos graduandos e professores formadores. Destacam-se alguns exemplos de um ensino-aprendizado midiático: ministração de aulas por meio de teleconferência; promoção de aulas interativas por *chats*; realização de aulas de leitura e produção textual em laboratórios de informática; uso mais freqüente das bibliotecas virtuais, ou seja, realizar mais pesquisas e permutas de obras e artigos on-line; utilização de estúdios/salas, para promover a produção de textos televisivos; acesso aos estúdios radiofônicos e de gravação em áudio, para promover a composição e gravação de textos sonoro-verbais e sonoro-musicais; produção de textos telefônicos etc. Tudo isso na graduação em Letras.

É imprescindível sempre fazer a ponte da produção científica universitária com o “chão” da sala de aula, para suscitar, nos graduandos, um constante repensar sobre as teorias e métodos

Março de 2009

utilizados em sua prática docente. Isso viabilizará a renovação e complementação periódica de seu trabalho, além de despertar o senso da improvisação diante das diversidades encontradas nas escolas, principalmente, durante o multiletramento midiático.

Sugere-se ainda, a adoção, além das demais teorias interacionistas de linguagem e as sócio-interacionistas de mediação pedagógica, a teoria semiótica, visto que esta busca investigar todos os estilos textuais; não privilegiando nenhuma linguagem, mas focalizando os sentidos imanentes em todas as formas de expressão. Esta abordagem tem como *corpus* primordial de investigação o conteúdo e se preocupa também com os sentidos veiculados pelos planos tensivos/passionais (semi-simbólicos) presentes na materialidade expressiva constituída por diferentes substâncias (cor, som, odor, gosto etc.). A esse respeito, Fiorin explica que, “é preciso sempre mostrar a função do recurso da manifestação na economia geral de produção do sentido de um texto” (2004, p.37).

O educador: uma outra forma de conceber o professor

As observações realizadas a cerca dos novos caminhos trilhados pela humanidade e sobre as demais inovações comunicativas, interativas, discursivas, ideológicas e, conseqüentemente educacionais que as acompanham, apontam para uma revolução no modo de conceber e até no de nomear a disciplina tradicional conhecida como Língua Portuguesa.

Paralelamente, modifica-se perante estas inovações, a identidade do professor formador bem como de seus alunos de graduação e futuros educadores.

A responsabilidade aumentou ou mudou de direção, já que agora a mundialização cultural exige do educando um domínio não só da língua oficial de seu país, mas um preparo que o permita compreender todas as mensagens, inclusive aquelas emitidas por outros símbolos e outras formas de representações, mediadoras da cultura mundial. Assim, fatalmente ou felizmente, o professor necessita conhecer e incorporar essas inovações tecnológicas, para adaptá-las ao seu trabalho educativo. Desse modo, ele contribuirá efetivamente para um ensino de linguagens e atenderá as demandas comunicativas globais. Não existe mais a possibilidade do professor formador se enclausurar numa redoma dos estudos exclusivamente verbais impressos e ignorar as necessidades contemporâneas, isto é, a intercomunicação realizada principalmente e, cada vez mais por meio da mídia e seus gêneros sincréticos, instantâneos, onipresentes e oniscientes. Belloni ratifica tais afirmações, explicando que:

Os incríveis avanços técnicos em eletrônica, informática e redes vêm criando um novo campo de ação, novos processos sociais, métodos de trabalho, mudanças culturais profundas, novos modos de

Março de 2009

aprender e perceber o mundo (e, portanto de intervir nele), com repercussões significativas no campo da educação, a exigir transformações radicais nos métodos de ensino e nos sistemas educacionais (2002, p. 30).

A identidade do professor vem sendo construída nesse cenário, que parece resultar em um amálgama profissional. Ele precisa, cada vez mais, ser um pesquisador (pesquisa e desenvolve teorias e conceitos), um educador (no sentido de criar, desenvolver e aplicar métodos) e um comunicador (que domina a arte de se comunicar pelos meio midiáticos). Esta última nuance é mais desafiadora, posto que, ela pede uma gama de conhecimentos mais específicos do campo midiático, pois aqui o professor tem diante de si não somente uma sala de aula com trinta alunos, entretanto, possui uma “sala” mundial, composta por milhões de alunos, pertencentes a todas as culturas e comunidades imagináveis. O educador-pesquisador, “nada mais é do que um professor capaz de utilizar as novas tecnologias em seu trabalho cotidiano” (BELLONI, 2002, p.40). Para isso talvez necessite utilizar algumas “estratégias didático-comunicativas” parecidas com as de um apresentador de programas televisivos, ou seja, ensinar não só por meio do intelecto (conhecimento a ser transmitido), mas também pela forma de interagir e conquistar o público/aluno, isto é, pelo modo de se expressar (surpreender o espectador pela emoção).

Considerações finais

Em suma, volta-se a afirmar que o professor de linguagem precisa estar preparado para auxiliar o jovem educando na leitura e produção discursiva dos mais variados planos de expressão que os cercam e a manusear os recursos/aparelhos midiáticos que os transmitem (dentre eles o computador, todos os equipamentos que captam e emitem som e imagem, amplificadores, câmeras digitais, telefones celulares, *video games*, MP3, Cds, DVDs, TVs multimídias, *Pen drives*, gravadores e, por que não, instrumentos musicais). Nesse sentido, desvelar o *fazer-fazer* midiático, mostrando que este não é apenas um construto humano divertido, motivador, fascinante, moderno, relaxante, sensual, somático etc., mas pode ser, acima de tudo, um meio de aculturação dos menos avisados.

Este “novo mundo” interativo parece um pouco assustador ao professor, porém, com tempo se revela muito encantador. Ele levará o educador a redescobrir a si, o outro e o espaço de sua atuação profissional. Este novo contexto educacional o impelirá à pesquisa bem como a depender constantemente não só da racionalidade, mas também da intuição e sensibilidade (instintos, emoções, ou seja, sentidos produzidos e apreendidos por meios também somáticos e passionais).

Março de 2009

Toda essa transformação pode, de repente, tornar o professor de linguagem mais realizado e feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2003.

BELLONI, M. L. Mídia-educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e de prática. In: _____ (Org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-45.

COELHO, M. Já sei namorar: tribalismo e semiótica. In: LOPES, C.; HERNANDES N. (Org.). *Semiótica: (objetos e práticas)*. São Paulo: Contexto, 2005. p.11-26.

FIORIN J. L. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

KELLNER, Douglas. Uma questão de terminologia. In: _____. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 50-54.

LÍMOLI, L.; GIACHINI, N. *Semiolinguística e leitura do texto literário*. Boletim do CCH, Londrina, n. 41, 2001 p.151-166.

ORTIZ, Renato. Uma cultura internacional-popular. In: _____. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense. 1998. Cap. IV, p. 105-145.

ROJO, R. H. R. Linguagens Códigos e suas tecnologias. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas do Ensino Médio. *Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília, 2004.